



FAKE NEWS E PANDEMIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A CLOROQUINA NA ERA DA PÓS-VERDADE

Josibel Rodrigues e Silva¹

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

RESUMO

Desde o início da pandemia, o número crescente das chamadas *fake news* relacionadas à Covid-19 foi e tem sido um fator inquietante, como exemplo, o compartilhamento de informações falsas sobre o fármaco cloroquina. Sendo assim, apresenta-se como objetivo geral desse artigo, analisar os discursos de *fake news* sobre cloroquina e a Covid-19, em tempos de pós-verdade. Especificamente, objetiva-se descrever o ambiente discursivo e tecnológico das notícias falsas, e, identificar os efeitos ideológicos que essas notícias podem ter nas relações e práticas sociais. O caminho metodológico baseou-se na Análise de Discurso Crítica e na Análise do Discurso Digital. O *corpus* formou-se por textos midiáticos compartilhados em redes sociais, notícias consideradas falsas pela Agência Lupa. Nas análises do ambiente digital, conclui-se que o *Facebook* foi a principal rede social de compartilhamento. Observaram-se também duas estratégias virtuais que contribuem para o compartilhamento em massa de *fake news*, os chamados “robôs” e as *hashtags*. Os tipos de discursos encontrados foram, em sua maioria, o discurso político, o científico e o de cura/tratamento, dos quais elencaram-se duas relações interdiscursivas para discussão, a criação de inimigos simbólicos do Presidente Bolsonaro e os discursos da extrema direita.

Palavras-chave: *Fake news*; Discursos; Cloroquina; Covid-19.

ABSTRACT

Since the beginning of the coronavirus pandemic, the growing number of so-called fake news related to Covid 19 has been a disquieting factor, for example, the sharing of false information about the drug chloroquine. Therefore, the general objective of this article is to analyze the discourses of fake news about chloroquine and Covid 19, in post-truth times. Specifically, it aims to describe the discursive and technological environment of fake news and to discuss the ideological effects on social relationships and practices. We based the methodological path on Critical Discourse Analysis and Digital Discourse Analysis. Media texts shared on social media, news considered false by Agência Lupa formed the corpus. In the digital environment analysis, Facebook was the pivotal social sharing network. We observed two virtual strategies which contribute to the mass sharing of fake news, the so-called “robots” and hashtags. The types of discourses found were, for the most part, political, scientific, and healing/treatment discourses, from which we discussed two interdiscursive relations, the creation of symbolic enemies of President Bolsonaro and the discourses of the extreme right.

Keywords: Fake news; Discourse; Chloroquine; Covid-19.

INTRODUÇÃO

¹É mestra em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e professora do Magistério Técnico e Tecnológico (EBTT) do IFAM. Email: josibel.silva@ifam.edu.br



A pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe significativas mudanças para o mundo, sendo considerada a maior ameaça à saúde pública mundial desde a gripe espanhola (FIGUEIREDO FILHO; SILVA, 2020). Durante a pandemia, o número crescente das chamadas *fake news*², relacionadas à Covid-19³, foi e tem sido um fator inquietante, impactando de alguma forma o combate à doença, em decorrência de sua disseminação.

Em tempos em que o panorama político e social brasileiro sofre efeitos perversos de um certo grupo no poder, auxiliado pela difusão de *fake news* e “fatos alternativos”, pode-se dizer que há uma luta hegemônica travada no/pelo discurso. Para tal, utiliza-se um ambiente digital público, em que os discursos se caracterizam pela intensa relacionalidade, “[...] isto é, sua integração numa rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e a circulação, ao mesmo tempo em que lhe confere características linguisticamente inéditas [...]” (PAVEAU, 2021, p. 30).

Dessa forma, o objetivo geral desse artigo é analisar os discursos de *fake news* sobre cloroquina e a Covid-19, em tempos de pós-verdade. Especificamente, objetivamos, descrever o ambiente discursivo e tecnológico das notícias falsas, e, identificar os efeitos ideológicos que essas notícias podem ter nas relações e práticas sociais.

O caminho teórico e metodológico para alcançar esses objetivos baseou-se na Análise de Discurso Crítica - ADC (RAMALHO; RESENDE, 2011) e na Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021).

1 FAKE NEWS E PÓS-VERDADE

As chamadas *fake news* ganharam um espaço propício para a sua disseminação com a internet e as redes sociais. Mas como podemos defini-las? Dentith (2017) define *fake news* como história enganosa, que contém omissões significativas, mentiras, com o objetivo de enganar o público-alvo. Ela não precisa ser inteiramente fictícia, pode apresentar verdades parciais, em que o fato alegado necessita de algum contexto ou informação adicional que, quando revelada, perde seu valor de verdade (DENTITH, 2017).

Conforme Bucci (2020), *fake news* não constituem uma mentira qualquer, elas são uma modalidade com características específicas, configurando-se como: uma falsificação de notícia jornalística ou de opinião; advém de fontes desconhecidas; sua autoria é quase sempre forjada, e, quando utilizam partes de textos reais os argumentos são descontextualizados; precisam das tecnologias digitais da internet, principalmente de algoritmos que direcionam conteúdos nas redes; agem numa velocidade intensa, por fim, dão lucro, pois fazem parte de um negócio obscuro.

De acordo com Bucci (2020), a eficácia desse tipo de mentira está diretamente relacionada à sua disseminação, pois espalha-se muito mais rápido que as notícias convencionais. Pode-se compreender isso por meio da metáfora da mangueira, ou, a técnica de apagar incêndios, em que se aponta para uma direção uma mangueira com grande intensidade de água (BRUNO; ROQUE, 2020). No caso das notícias falsas, essa metáfora remete a um imenso volume de mensagens disparado por diferentes canais, em ritmo intenso, assim, *fake news* chegam primeiro do que as notícias da imprensa, criando a primeira impressão (BRUNO; ROQUE, 2020).

Contribuindo, também, de maneira decisiva para a disseminação dessas notícias está o fator humano. Na era das redes sociais, o sujeito se encontra “encapsulado em bolhas”, multidões que o

² Termo em inglês que quer dizer *notícias falsas*.

³ Nome dado à doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.



espelham e o reafirmam, e, na qual há pouca possibilidade do dissenso (BUCCI, 2020). No espaço virtual, a confiança tem papel central, uma vez que a propagação de uma mensagem se torna mais efetiva quando feita por pessoas com as quais as outras se identificam (BRUNO; ROQUE, 2020). Ademais, nesse momento de hiperpolarização política, a confiança não se trata de uma relação com os fatos objetivos, “[...] mas de uma relação com a memória e o modo como os sujeitos se inscrevem no imaginário politicamente dividido e ideologicamente determinado” (FONTANA, 2021, p. 97). Desse modo, a disseminação de *fake news* necessita de um certo tipo de sujeito, alguém que vai reproduzir ideias baseadas em emoções e crenças pessoais, alinhado à determinados discursos ideológicos, que vai contribuir ativamente na construção da era da pós-verdade (D’ANCONA, 2018).

O termo “pós-verdade” refere-se às circunstâncias em que os fatos objetivos perdem influência na formação da opinião pública, ao mesmo tempo em que a emoção e a crença pessoal ganham espaço (D’ANCONA, 2018).

2 CLOROQUINA E HIDROXICLOROQUINA EM TEMPOS DE COVID-19

Logo no início da pandemia, houve uma corrida pelo tratamento da Covid-19, em que foram iniciados testes com medicamentos já existentes e de eficácia comprovada para outras doenças, como a cloroquina e a hidroxicloroquina (BARROS; BRITO, 2020).

Os fármacos citados são, geralmente, utilizados para o tratamento e profilaxia da malária, possuindo também uso clínico para artrite reumatóide, lúpus erimatoso sistêmico e síndrome de *Sjögren*, sendo preferível, nesses últimos casos, o uso da hidroxicloroquina, não apenas pelo seu mecanismo de ação, mas também por apresentar menor toxicidade. Os fármacos são substâncias parecidas, mas possuem formulações diferentes (BRUNO, 2021).

Esses medicamentos ganharam fama popular no tratamento da Covid-19, a partir do então presidente Donald Trump, dos Estados Unidos, e de seu seguidor no Brasil, Jair Bolsonaro (NEVES; FERREIRA, 2020). Em 26 de março de 2020, o presidente brasileiro, simplesmente, “prescreveu” a cloroquina em rede nacional, defendendo seu uso em outras ocasiões, chegando a afirmar que não havia efeitos colaterais (NEVES; FERREIRA, 2020).

A aposta do Presidente brasileiro nos fármacos antimaláricos, obteve grande difusão midiática, além de implicar em decisões de Estado, trazendo consequências na prática médica e na sociedade em geral (NASCIMENTO; CESARINO; FONSECA, 2020). Como exemplo, após o Ministério da Saúde ter lançado nota em março de 2020, propondo um protocolo para o uso da cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento de pacientes, em abril do mesmo ano, o Conselho Federal de Medicina autorizou o uso dos fármacos, mediante critério médico e consentimento do paciente. Consequentemente, a procura pelos remédios disparou nas farmácias, ao mesmo tempo, encarecendo-os, afetando quem precisava do composto para tratar outras doenças. Para finalizar, em janeiro de 2021, o governo federal já tinha gastado quase R\$ 90 milhões com a compra de medicamentos sem eficácia comprovada no tratamento da Covid-19, entre eles constam a cloroquina, azitromicina e o tamiflu⁴.

No que concerne à comunidade científica, alguns estudos foram feitos considerando a eficácia e os riscos da cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19 (BRUNO, 2021).

⁴ 'Tratamento precoce': governo Bolsonaro gasta quase R\$ 90 milhões em remédios ineficazes, mas ainda não pagou Butantan por vacinas - BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>>. Acesso em: 26 de junho de 2021.



Entre os estudos cita-se o da *Solidarity Trial*, uma iniciativa multinacional da Organização Mundial da Saúde (OMS), concluindo que a hidroxiclороquina provavelmente não produz efeitos sobre a doença. A partir desse e outros estudos, a OMS divulgou em março de 2021 uma recomendação para que a hidroxiclороquina não seja administrada para o tratamento da Covid-19, devido à probabilidade de não haver efeitos positivos, considerando ainda os potenciais riscos do medicamento (BRUNO, 2021).

Em seguida, discorreremos sobre o caminho metodológico do trabalho.

3 METODOLOGIA: ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA E ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL

Esse artigo baseia-se em uma pesquisa qualitativa, em que o material empírico de análise foi composto por textos midiáticos compartilhados em redes sociais, notícias consideradas falsas pela Agência Lupa. A pesquisa está alinhada à Análise de Discurso Crítica (RAMALHO; RESENDE, 2011), como paradigma de pesquisa interdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social, e, também, à Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021), caracterizando-se por uma análise qualitativa dos discursos nativos da internet.

A Análise de Discurso Crítica preocupa-se com efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, possam ter sobre as relações e práticas sociais, problematizando sentidos que atuam em prol de projetos particulares de dominação e exploração, bem como, interessa-se pelo papel do discurso na mudança social, com objetivos emancipatórios (RAMALHO; RESENDE, 2011). Por Análise do Discurso Digital, entende-se a descrição e análise do funcionamento das produções linguageiras nativas da internet em seus ambientes de produção, em que se mobilizam recursos linguageiros e tecnológicos dos enunciados elaborados on-line (PAVEAU, 2021).

3.1 SELEÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

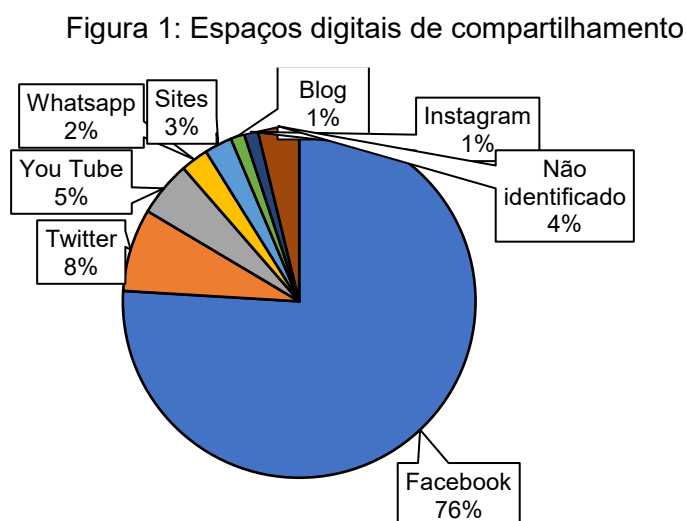
Primeiramente, foi feita uma busca simples na plataforma “Corona Verificado” sobre as palavras cloroquina e hidroxiclороquina, com uma filtragem para as notícias no Brasil, no período de agosto de 2020 a fevereiro de 2021. Foram encontradas 79 notícias falsas, as quais consideramos na análise duas categorias analíticas, a saber: ambiente e interdiscursividade.

Na Análise do Discurso Digital, ambiente refere-se ao “[...] conjunto dos dados humanos e não humanos no âmbito nos quais os discursos são elaborados” (PAVEAU, 2021, p. 49). A noção de ambiente é central na análise, buscando dar conta dos aspectos compósitos dos discursos, tendo em vista os aspectos tecnolinguageiros e tecnodiscursivos (PAVEAU, 2021). Por interdiscursividade, entende-se a multiplicidade de discursos, que se combinam e se mesclam entre si, relacionando-se a diferentes posições de sujeitos no mundo e a diferentes formas de relação entre eles (BESSA; SATO, 2018).

Nessa pesquisa, foram encontradas *fake news* em vídeos, tuítes, reportagens, sendo que, a maioria das notícias falsas (66%) caracterizaram-se por seus modos imagéticos e frases curtas de impacto, os quais, vamos chamar de tecnografismos, um conceito da Análise de Discurso Digital, referindo-se “[...] a uma produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo de internet” (PAVEAU, 2021, p. 333). A seguir, apresentamos os resultados e as análises.

4 O AMBIENTE DIGITAL DE FAKE NEWS SOBRE CLOROQUINA

Primeiramente, apresentamos os espaços digitais de compartilhamento referentes às 79 notícias encontradas, conforme a Figura 1.



Fonte: Elaboração das autoras

A representação gráfica mostra a principal rede social em que as notícias falsas foram compartilhadas, o *Facebook*. Esse resultado diferencia-se do encontrado pelo relatório de Notícias Digitais 2020 do Instituto Reuters⁵, no qual o *WhatsApp* foi mencionado como o principal local de disparos de mensagens falsas (35%), enquanto o *Facebook* vem em segundo lugar (24%). Aqui, o *WhatsApp* apresenta baixo compartilhamento de *fake news*, com apenas 2%. Uma explicação possível seria que, no caso da plataforma de mensagens, as interações acontecem entre grupos de confiança, nos quais as notícias não necessitariam de checagem, uma vez que as pessoas desses grupos compartilhariam de mesma visão de mundo.

No *Facebook*, há também “bolhas discursivas”, seriam os grupos e as páginas⁶, contudo, a rede social apresenta uma forma de interação mais abrangente, fazendo com que diferentes sujeitos entrem em contato com *fake news*, favorecendo os pedidos de checagem pelos usuários, ou mesmo de denúncias na rede. É importante enfatizar o papel da denúncia no ambiente digital, pois é um gesto tecnodiscursivo em que se utiliza um dispositivo pré-instalado em sites e plataformas para indicar um conteúdo questionável moral ou juridicamente (PAVEAU, 2021). No *WhatsApp* não há a possibilidade de se realizar a denúncia.

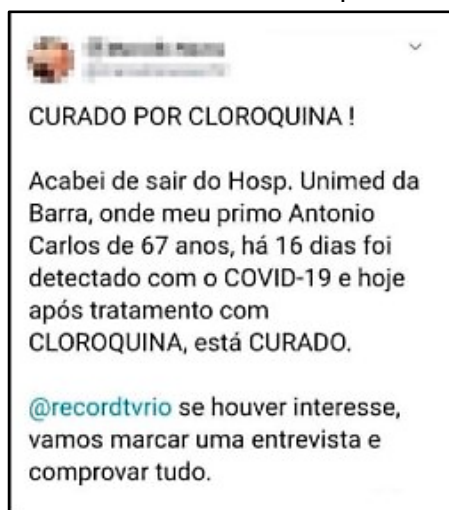
Dando seguimento às análises sobre o ambiente digital, encontramos algumas estratégias virtuais que contribuem para a difusão em massa de *fake news*, como explicitaremos a partir da Figura 2.

⁵ *Facebook* e *WhatsApp* são as principais plataformas de *fake news*, conclui pesquisa | Mundo e Ciência | O Dia (ig.com.br). Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/mundo-e-ciencia/2020/06/5935464-facebook-e-whatsapp-sao-as-principais-plataformas-de-fake-news--conclui-pesquisa.html>>. Acesso em: 05 de maio de 2021.

⁶ Os grupos são voltados para discussões privadas, podendo obter um número pequeno de pessoas, já as páginas facilitam o contato dos usuários com marcas ou pessoas públicas.



Figura 2: Fake news sobre o primo Antônio Carlos



Fonte: Folha (uol.com.br)

A notícia falsa acima é um tuíte, que tinha 12,5 mil curtidas e 3,7 mil retuítes, até o dia 9 de abril de 2020⁷. Aqui, considera-se importante refletir sobre a existência dos chamados “engenheiros do caos”, perfis falsos no *Facebook* e *Twitter*, os famosos “robôs”⁸ (GOMES et al, 2021), que criam uma ilusão de que várias pessoas estariam postando notícias semelhantes. A notícia falsa sobre o primo Antônio Carlos, é um exemplo típico desse compartilhamento, no qual vários sujeitos nas redes afirmavam ter um primo com esse nome, curado da Covid-19, por ter sido tratado com cloroquina. Trata-se de uma estratégia virtual, assim como, as chamadas *hashtags* nas redes, como exemplo, #cloroquinasalvavidas e #cloroquinacura, fomentando a circulação de *fake news*, como mostra a Figura 3, a seguir.

⁷ Hospital nega que tenha tratado o 'primo Antonio Carlos' - 09/04/2020 - Equilíbrio e Saúde - Folha (uol.com.br). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/hospital-nega-que-tenha-tratado-o-primo-antonio-carlos.shtml>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

⁸ Conforme uma pesquisa desenvolvida pela BBC do Brasil (2018), há diferentes categorias de perfis falsos, a saber: robôs, ciborgues, robôs políticos, o fake clássico e os ativistas em série.



Figura 3: Exemplo de hashtags



Fonte: Facebook

Os discursos da *Web* são relacionais pois “[...] a arquitetura das redes faz com que eles sejam todos materialmente interligados” (PAVEAU, 2021, p. 33), como no caso da publicação acima, na qual as comunidades virtuais, simpatizantes do Presidente, incitam soldados “à guerra”, a partir das publicações das *hashtags*. Ora, a *hashtag* é uma convenção mobilizada pelos usuários da rede, “[...] uma forma tecnolinguageira cuja função é essencialmente social, permitindo a afiliação difusa dos usuários [...]” (PAVEAU, 2021, p. 223). No que tange às *fake news*, esse processo faz parte de uma universalização de representações particulares, em que se dissemina uma perspectiva de mundo por meio das mídias, uma vez que é através das *hashtags* que os assuntos ou discussões são indexados nas redes.

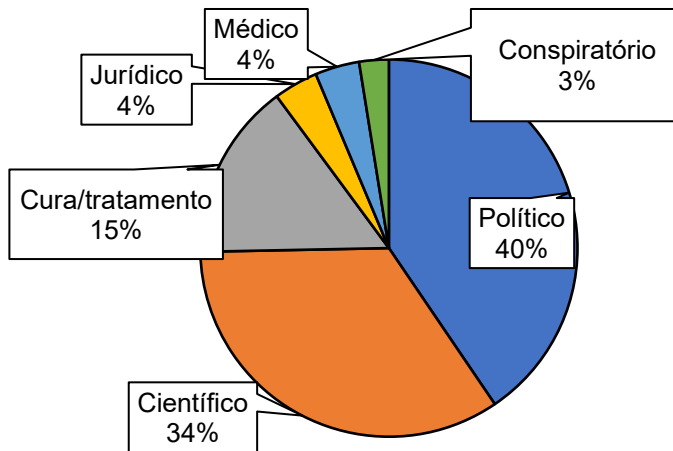
Sendo assim, o ambiente virtual de *fake news* é instrumento pelo qual um certo grupo no poder mantém a hegemonia, formando soldados em uma “sociedade de controle”, pouco reflexivos, em que sistemas de comunicação e redes de informação definem as práticas diárias e comuns das pessoas (RAMALHO; RESENDE, 2011).

5 INTERDISCURSOS E FAKE NEWS SOBRE CLOROQUINA

Como se pode observar na Figura 4, a maioria das 79 notícias falsas salientam o discurso político (40%), o científico (34%) e o de cura/tratamento (15%).



Figura 4: Tipos de discursos



Fonte: Elaboração das autoras

Essa classificação foi feita conforme a identificação de algumas escolhas lexicais nos títulos das notícias da plataforma “Corona Verificado”. Por exemplo, para a classificação do discurso de cura/tratamento, observaram-se palavras-chave, como: uso, tratamento e cura; para o discurso científico, perceberam-se termos como: estudos, aprovação de uso, pesquisa, comprovação científica, órgãos regulatórios e OMS; referente ao discurso político, ressaltaram-se expressões referentes a sujeitos políticos, partidos, países, estados e cidades em geral. Salienta-se, contudo, que os textos podem se constituir por diferentes discursos e vozes, mesmo aqueles que aparentemente apresentam um único discurso guardam relação implícita com um outro (BESSA; SATO, 2018).

Em termos de relações interdiscursivas presentes em *fake news* sobre cloroquina, a construção de inimigos simbólicos e o ataque à imprensa são temas que chamam atenção, como exemplifica-se na figura 5, a seguir.

Figura 5: Fake news e os inimigos simbólicos



Fonte: Agência Lupa



Essa publicação no *Facebook* tinha sido compartilhada por mais de mil perfis até o dia 28 de agosto de 2020⁹. A notícia refere-se à uma possível retratação da OMS sobre o uso da hidroxicloroquina, uma organização que, grosso modo, oferece diretrizes aos países sobre o combate à pandemia, orientando, por exemplo, protocolos de uso de medicamentos. Em termos de marcas linguísticas e discursivas, percebe-se a pergunta retórica com o intuito de desqualificar a Rede Globo, destacando-se a palavra lixo, com vistas a reprovar e inabilitar a rede de comunicação, bem como, o discurso de toda imprensa que veicula notícias que não são aceitas pelo governo. STF refere-se ao Supremo Tribunal Federal, o discurso jurídico que daria poder a estados e municípios para definirem as medidas que consideram necessárias para combater o novo coronavírus. Dória, governadores, prefeitos e vereadores relacionam-se ao discurso político, aqueles que realizariam tais medidas, como: interdição de atividades e delimitação de serviços essenciais.

Na notícia, percebe-se claramente a construção simbólica de inimigos do Presidente Bolsonaro, sendo uma forma de operação da ideologia, uma estratégia de fragmentação, em que há uma segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante (RAMALHO; RESENDE, 2011). Nesse processo, os discursos veiculados em *fake news* dinamitam a confiança nas instituições que deveriam esclarecer e proteger a população, desqualificando ações e diretrizes que poderiam combater a pandemia de forma mais eficaz.

Há quem defenda o compartilhamento de notícias falsas sob a égide do discurso da liberdade de expressão. Conforme Gomes et al, (2020), a liberdade de expressão tem por finalidade o direito de se externar ideias, opiniões, juízos de valor, ou seja, qualquer manifestação do pensamento humano. Porém, em uma sociedade democrática, há uma dualidade dessa liberdade com o direito à informação, sendo, pois, “dois lados da mesma moeda”. Para os autores, enquanto a liberdade de expressão propriamente dita consiste no direito de exprimir convicções, a liberdade de informação afiança ao indivíduo o direito de ser informado e de ter acesso a dados e notícias sem sofrer embaraços, constituindo um valor imprescindível em sociedades democráticas. Sendo assim, no que tange à pandemia, é imperativo à população o acesso à informação de qualidade, seja pelos governos, pelas instituições de pesquisa e pela imprensa, para que as pessoas tomem decisões considerando dados válidos, objetivos e claros.

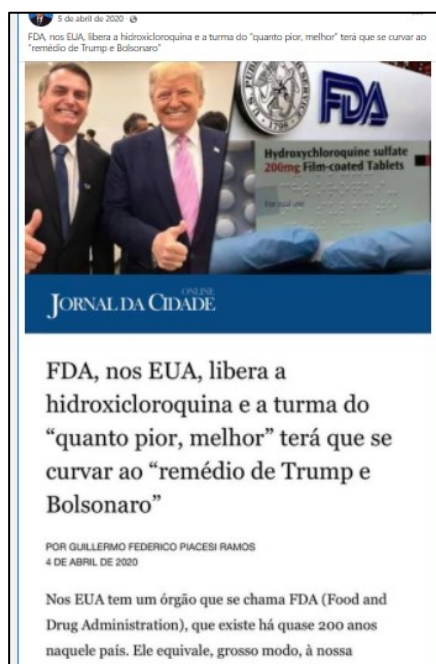
Continuando as análises sobre as relações interdiscursivas, uma das principais características de *fake news*, é que elas são direcionadas para um certo público, inserido ideologicamente em uma filiação discursiva, e, no panorama brasileiro, as notícias falsas sobre cloroquina evocam sujeitos filiados na extrema direita.

Conforme Santos (2020), governos de extrema-direita ou de direita neoliberal apresentariam mais falhas do que outros na luta contra a pandemia, como exemplos, os Estados Unidos e o Brasil, alinhados ideologicamente. Seus governos possuíam algumas características semelhantes, tais como, negacionismo, ocultação de informação, minimização dos efeitos potenciais da Covid-19, além de estabelecer uma falsa dicotomia entre saúde e economia (SANTOS, 2020). Essa, talvez, seja uma das consequências mais perversas desse alinhamento, a insistência no discurso da cura da Covid-19 pelo uso da cloroquina ou hidroxicloroquina, em prol da economia. Essa discussão será explicitada a partir da Figura 6.

⁹ #Verificamos: É falso que OMS passou a recomendar hidroxicloroquina e pediu desculpas por ‘erro’ | Agência Lupa (uol.com.br). Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/08/28/verificamos-oms-hidroxicloroquina-erro/>>. Acesso em: 18 de julho de 2021.



Figura 6: Alinhamento ideológico entre Trump e Bolsonaro.



Fonte: Facebook

A notícia falsa apresenta a imagem do então presidente Trump e Bolsonaro, seguida da frase: "FDA, nos EUA, libera a hidroxiclороquina e a turma do 'quanto pior, melhor' terá que se curvar ao remédio de Trump e Bolsonaro". Ora, o remédio é a hidroxiclороquina, significando, ao mesmo tempo, proteção e cura, a salvação para a Covid-19. Logo, não teriam sentido os discursos da ciência sobre o uso de máscaras e medidas de distanciamento social, consequentemente, os números de infectados e de mortos seriam também mentiras da imprensa. A realidade não se mostrou assim.

Nos Estados Unidos, conforme estudo da revista científica Lancet, 40% das mortes no país poderiam ter sido evitadas, em que a letalidade do vírus foi impulsionada por ações que vão desde cortes no orçamento nos centros de Controle de Doenças e Prevenção, passando pelo posicionamento negacionista do então Presidente perante a doença, e, de sua posição racista e xenófoba, uma vez que direitos e ações afirmativas sofreram interferências na era Trump. Desse modo, o vírus apresentou uma concentração desproporcional em populações negras e de baixa renda, como latinos e imigrantes, aumentando em 50% a lacuna de longevidade entre os brancos e os demais¹⁰.

No Brasil, só no primeiro ano da pandemia, 120 mil vidas brasileiras poderiam ter sido salvas apenas com medidas restritivas adequadas, segundo estudo feito pelo Grupo Alerta e apresentado pela diretora da Anistia Internacional, Jurema Werneck, à CPI da Covid¹¹. Ademais, os discursos de

¹⁰ Trump poderia ter evitado 40% das mortes por Covid-19 nos EUA, diz 'Lancet' (cnnbrasil.com.br). Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/02/11/erros-de-trump-aumentaram-mortes-por-covid-19-nos-eua-diz-relatorio-da-lancet>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

¹¹ Brasil poderia ter evitado 120 mil mortes com medidas preventivas, aponta estudo (cnnbrasil.com.br). Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/06/24/brasil-poderia-ter-evitado-120-mil-mortes-por-covid-em-2020-diz-estudo>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.



Bolsonaro podem ter acarretado uma alta taxa de contaminação entre sua própria base de apoio. Conforme a Folha de São Paulo¹², um estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) identificou que municípios com mais eleitores do Presidente, foram os que mais registraram casos de Covid-19. Sob essa ótica, pode-se afirmar que houve a realização de um projeto perverso na pandemia, em que a disseminação de *fake news* com o discurso de cura/tratamento pelo uso da cloroquina, somado ao discurso em prol da economia, ludibriaram a população a adquirir a chamada imunidade de rebanho ou coletiva¹³.

Portanto, ao lado de Santos (2020), afirmamos que perpetrou-se um processo de darwinismo social nutrido por discursos da extrema direita e vozes neoliberais, uma vez que a pandemia não mata indiscriminadamente como se pensa, mas afeta grupos de forma diferenciada, trabalhadores empobrecidos, mulheres, negros, indígenas, refugiados, idosos, pessoas em situação de rua, cujo objetivo parece ser a eliminação dessas populações que já não interessam à economia, seres humanos descartáveis para a produção e consumo (SANTOS, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Santos (2020), o *The Economist*, no início do ano de 2020, afirmava que as epidemias tendem a ser menos letais em países democráticos devido à livre circulação de informação. Todavia, conforme o próprio autor, *fake news* vulnerabilizam as democracias, justamente, pelo fato de que elas não se configuram como uma forma democrática de liberdade de expressão, pelo contrário, no fenômeno da desinformação os discursos antidemocráticos são potencializados, não somente pelos conteúdos que desinformam e ludibriam a população, mas também pelo discurso agressivo a veículos de comunicação, reverberando vozes autoritárias.

Os resultados desse trabalho corroboram a afirmação acima, mostrando que *fake news* sobre cloroquina fazem parte de um projeto perverso nada democrático, comandado por um grupo que flerta com o autoritarismo, a partir da produção da mentira. É importante salientar, que esse grupo no poder representa uma parte da sociedade brasileira, setores arcaizantes e reacionários que nunca repararam a escravidão, tampouco nenhuma ditadura nacional (AB'SÁBER, 2021). Uma elite que, sob o pretexto de salvar a economia, tomaram atitudes cruéis, pelos quais, espera-se, sejam responsabilizados (SANTOS, 2020).

Para uma visualização de mudança, tendo em vista o mundo da internet e das redes sociais, onde os usuários filiam-se em bolhas tecnodiscursivas, é preciso uma transformação epistemológica e cultural em diversas ordens na sociedade, no âmbito político, jurídico, econômico e social, com vistas a garantir a continuidade da vida humana digna (SANTOS, 2020). Finalmente, não há saída para o combate às notícias falsas que não passe pela educação, cuja luta contra a banalização da mentira, deve fortalecer ações e valores favoráveis à vida coletiva (BRUNO; ROQUE, 2020), reafirmando-se sempre a democracia participativa, a solidariedade e a cooperação (SANTOS, 2020).

¹² 'Efeito Bolsonaro' sobre alta nos casos de coronavírus surpreende pesquisadores - 12/10/2020 - Mercado - Folha (uol.com.br). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/efeito-bolsonaro-sobre-alta-nos-casos-de-coronavirus-surpreende-pesquisadores.shtml>>. Acesso em: 06 de julho de 2021.

¹³ Imunidade de rebanho ou imunidade coletiva, é um conceito aplicável para doenças transmitidas de uma pessoa para outra, descrevendo uma situação em que a doença para de se alastrar, pois uma porcentagem de indivíduos, numa população definida, adquire imunidade, protegendo, assim, os que ainda não foram infectados (LACERDA, 2020).



REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, T. Ilusão, convicção e mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021. p. 41-58.

BARROS, L.; BRITO, M. F. L. A pandemia da Covid-19 e o risco dos medicamentos “milagrosos”: o uso off label da cloroquina e hidroxiclороquina. In: TEIXEIRA, J. P. A. **Pensar a pandemia: perspectivas críticas para o enfrentamento da crise**. 1. ed. São Paulo: *Tirant lo Blanch*, 2020. p. 301-310.

BESSA, D.; SATO, D. T. B. Categorias de análise. In: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 124-157.

BRUNO, C. H. Revisão de literatura sobre Cloroquina e Hidroxiclороquina. **Informa SUS-UFSCAR**. Disponível em: <<https://www.informasus.ufscar.br/revisao-de-literatura-sobre-cloroquina-e-hidroxiclороquina/>>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

BRUNO, F.; ROQUE, T. A ponta de um iceberg de desconfiança. In: BARBOSA, M. (Org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. *E-book*. Disponível em: *kindle*. Acesso em 15 jul. 2021.

BUCCI, E. News não são fake_e fake news não são news. In: BARBOSA, M. (Org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. *E-book*. Disponível em: *kindle*. Acesso em 15 jul. 2021.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DENTITH, M R. X. The problem of fake news. **Public Reason**. Institute for Research in the Humanities, 2017. p. 65-79.

FIGUEIREDO FILHO, A. B.; SILVA, L. COVID-19: Brasil tem seguido trajetória de EUA e Espanha. **Questão de Ciência**. Abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2020/04/03/brasil-rumo-eua-covid>. Acesso em: 28 nov. 2021.

FONTANA, M. Z. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021. p. 87-104.

GOMES, D. M. et al. Desafio à Cosmópolis: robôs, ciborgues, fake news e liberdade de expressão na web. In: NISHIYAMA, A. M.; SANTOS, J. A.; BERARDI, L. A. A.; MUÇOUÇAH, R. A. O. (Org.) **Interdisciplinaridade e direitos humanos**. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2020, v. 2, p. 816-833.

LACERDA, C. D. O que é imunidade de rebanho e quais as implicações? **Jornal da USP**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/o-que-e-imunidade-de-rebanho-e-quais-as-implicacoes/>>. Acesso em: 07 de julho de 2021.

NASCIMENTO, L. F.; CESARINO, L.; FONSECA, P. Quando se está morrendo afogado, até jacaré é tronco para se agarrar: cloroquina e médicos em grupos de direita do Telegram.



LAVITS_COVID19_#22. Pandemia, Tecnologia e Capitalismo de Vigilância. 2020. Disponível em: <https://lavits.org/lavits_covid19_22-quando-se-esta-morrendo-afogado-ate-jacare-e-tronco-para-se-agarrar1-cloroquina-e-medicos-em-grupos-de-direita-do-telegram/?lang=pt>. Acesso em: 02 de junho de 2021.

NEVES, A. L. M.; FERREIRA, B. O. Narrativas entre ciência e política no ativismo da cloroquina. **Dossiê Psicologia e Sociedade**, 2020. p. 1-16.

PAVEAU, A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. 1 ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2021.

RAMALHO, V; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas (SP): Pontes Editores, 2011.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.